

A ANGÚSTIA E O DESESPERO EM TEMPOS DE PANDEMIA: UMA ABORDAGEM A PARTIR DA FILOSOFIA EXISTENCIALISTA

ANGUISH AND DESPAIR IN TIMES OF PANDEMIC: AN APPROACH FROM THE EXISTENTIALIST PHILOSOPHY

Adair Adams¹

Bruno Garcez Sugahara¹

João Vitor Ferreira de Deus¹

Júlia Fonseca de Aguiar¹

Yasmim Zanella Accioly Fernandez¹

¹Instituto Federal do Rio Grande do Sul,
Vacaria, RS, Brasil.

Resumo: O texto objetiva refletir o momento pandêmico na perspectiva da filosofia existencialista, com recorte em dois conceitos, a saber, o desespero e a angústia. Não há a intenção de aprofundamento nos sentidos filosóficos que esses conceitos foram tratados ao longo da contemporaneidade, mas em pensá-los como lentes para ver alguns sentimentos vividos durante o distanciamento social decretado em função da Pandemia de COVID-19. A argumentação tem por base uma pesquisa qualitativa bibliográfica, centrada nos autores da filosofia como Kierkegaard, Nietzsche e Heidegger e alguns interlocutores. O horizonte do percurso reflexivo é uma possível colaboração na compreensão das tarefas humanas de ser em seus momentos históricos, mais especificamente do ano 2020.

Palavras-chave: Humano. Convivência. Distanciamento social. Existencialismo. Reflexão.

Abstract: The text aims to reflect the pandemic moment from the perspective of existentialist philosophy, focusing on two concepts, namely, despair and anguish. There is no intention of deepening the philosophical meanings that these concepts were treated throughout contemporaneity, but thinking of them as lenses to see some feelings experienced during the social distancing decreed due to the COVID-19 Pandemic. The argument is based on a qualitative bibliographic research, centered on philosophy authors such as Kierkegaard, Nietzsche and Heidegger and some interlocutors. The horizon of the reflective path is a possible collaboration in understanding the human tasks of being in their historical moments, more specifically in the year 2020.

Keywords: Human. Coexistence. Social distancing. Existentialism. Reflection.

DOI: <https://doi.org/10.33053/dialogus.v10i3.695>

Recebido em: 14;10.2021

Aceito em: 23.12.2021

Dialogus



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

1 Introdução

Compreender a condição de ser do humano é essencial em qualquer momento da vida. Buscar esse conhecimento de modo mais intenso em tempos excepcionais, como o enfrentado no ano de 2020 com a pandemia de COVID-19, torna-se uma tarefa extremamente difícil, porém demasiadamente necessária. Neste período extraordinário, no qual uma rotina ‘anormal’ nos foi apresentada e imposta, os sentimentos humanos tendem a se manifestar fora de ordem. Seguindo as ideias de filósofos existencialistas, buscamos pensar os conceitos de angústia e desespero como possíveis lentes para compreender como os seres humanos *re-agem*, como são/estão no mundo, neste momento pandêmico.

Os conceitos filosóficos utilizados para este estudo têm em Arthur Schopenhauer (1788-1860), Søren Aabye Kierkegaard (1813-1855), Friedrich Wilhelm Nietzsche (1844-1900) e Martin Heidegger (1889-1976) as referências centrais. A análise terá um viés existencialista, tanto da individualidade quanto da coletividade, sem uma preocupação política e econômica, com vistas a uma compreensão do humano diante dos limites da finitude.

Perspectivamos que não há um prever positivista para os dilemas da existência, pois não há uma lógica capaz de determinar como cada um pode se sentir diante da intensidade da finitude, do estar para a morte em proximidade e do isolamento social como no caso de uma pandemia. Por mais que, coletivamente, estratégias de enfrentamento dessa situação sejam estruturadas dinamicamente, há uma disposição afetiva para angústias e momentos de desespero que tomam conta do ser humano sem uma preparação antropológica adequada. Uma vez que o vírus causador da pandemia leva as pessoas à morte, como pensar e agir diante da possibilidade de meus mais próximos, amados e queridos, serem infectados e, com isso, talvez vir a falecer? Além dessa possibilidade fatídica, as perspectivas de um caos na economia, na política e na educação, que geram formas diversas de desespero, como enfrentar essas incertezas?

A compreensão dos conceitos de angústia e desespero, separadamente, colabora para um entendimento do sentimento atual, individual e coletivo, pelo novo ordenamento das relações humanas causado pelo estado de distanciamento social pandêmico. Visitar os autores clássicos existencialistas permite: entender os referidos conceitos e uma interpretação razoável acerca do pensar, sentir e agir dos seres humanos na pandemia; na possibilidade dessa interpretação, refletir em alguma ação na e para além da pandemia; entender que a angústia e o desespero também aparecem em momentos de normalidade; demonstrar que o desespero e a angústia revelam uma compreensão profunda do ser humano.

O questionamento que orienta a pesquisa/estudo é: por que a angústia e o desespero só passaram a ser visibilizados em um contexto de crise, se é algo da condição humana? Certamente, esses conceitos são evitados pelas pessoas, talvez simplesmente por não admitir – para si ou para os outros – a sua condição de angustiado/desperado. Isso ocorre porque, no senso comum, esses sentimentos são considerados como algo negativo ou patológico e do qual se deve tentar

evitar ou curar a todo custo. Assim, é um trabalho complexo reconhecer e admitir que eles fazem parte da nossa vida, já que há uma espécie de pressão social constante para aparentarmos felicidade e satisfação conosco e com nossa vida. Porém, a tarefa de cumprir esse papel é quase impossível em uma pandemia e, neste exato momento, é que o ser humano se depara com uma ‘enfermidade’ que parece não ter solução e ainda se torna mais difícil omitir.

São nestas circunstâncias em que a existência humana é sentida de forma plena e, como consequência, as pessoas, individualmente, percebem que a angústia e o desespero não são sentimentos exclusivos seus, mas de todos os demais; assim, surge uma oportunidade de se discutir sobre esses tópicos de uma forma mais natural do que em tempos de normalidade. Deste modo, justamente com o intuito de contribuir para elevar um olhar aprofundado sobre o angustiar-se e o desesperar-se é que este estudo se desenvolve, todavia porque se compreende que o melhor modo de lidar com todos os vazios e as incertezas é entender a causa, origem e consequências desses sentimentos: Por que ocorrem? Em que momento ocorrem? Como proceder? São sobre essas dúvidas que os filósofos existencialistas clássicos se basearam e procuraram responder acerca da angústia e do desespero.

Por fim, é importante destacar que a pesquisa busca uma interpretação original, visto que se trata de uma relação inovadora até o presente momento (relacionar a pandemia de 2020 com o existencialismo). Surge, com isso, a oportunidade de produzir uma discussão nova no meio acadêmico para que esta possa ser utilizada como referência para outros pesquisadores na área de Ciências Humanas. Salienta-se também a importância de se compreender e discutir os acontecimentos históricos do presente como meio de formação de seres crítico-pensantes e atuantes no mundo atual.

2 Percurso metodológico

O caminho percorrido para desenvolvimento do presente artigo, seguiu-se da seguinte forma: as ideias de tema e formatação surgiram no decorrer do ano de 2019, porém somente em 2020 formamos o grupo, escolhemos nosso tema – a filosofia existencialista – e solicitamos a orientação professor de filosofia do *Campus* Vacaria, Adair Adams. A escolha do grupo e do tema se originou da afinidade com a área de conhecimento e a compatibilidade com o modo de trabalho entre os colegas autores desta pesquisa.

Inicialmente, o tema proposto era voltado somente à filosofia existencialista de Kierkegaard, mas foi alterado devido a uma sugestão de nosso orientador. Este lembrou a grande importância que a pandemia estava tomando em nossas vidas e julgou que pesquisar sobre esse tema representaria uma grande relevância. O grupo, então, concordou em incluir a pandemia que nós próprios vivenciávamos como um dos nossos objetos de estudo. A partir dessa nova perspectiva, foram inseridos outros filósofos existencialistas nas referências de pesquisas,

os citados na introdução. Nietzsche, Heidegger e Schopenhauer já eram lidos por membros do grupo, fator que mobilizou para os novos desafios de pesquisa.

Com tema, referências e horizontes definidos, iniciamos uma série de conferências virtuais – afinal, estávamos em fase de isolamento social – para discutir os pontos primários do desenvolvimento do projeto de pesquisa, como os filósofos que decidimos abranger. Essa fase foi crucial para o desenvolvimento, uma vez que, após a sequência de estudos, orientações e discussões, conseguimos compreender melhor as ideias dos existencialistas e nos sentimos mais aptos para falar sobre o tema. Os tópicos essenciais (delimitação do tema, objetivo geral, fundamentação teórica, entre outros) foram sendo construídos gradativamente e à distância por meio de um documento compartilhado no Google Drive.

Cada integrante do grupo foi responsável por pesquisar um ou mais filósofos para o desenvolvimento teórico, buscando compreender a concepção de quem é o ser humano e a conceituação de angústia e desespero para cada um destes pensadores. A partir das arguições existencialistas realizamos uma interlocução com uma ideia da psicologia que, de algum modo, já estava presente nos filósofos estudados, mas com outro viés. Após, realizamos um paralelo entre os conceitos de cada autor e a atualidade vivenciada na pandemia em curso. Assim, por mais que sejam vários autores, o tema pesquisado está delimitado aos dois conceitos apenas.

A pesquisa é caracterizada por ser essencialmente bibliográfica, portanto foram utilizados diversos materiais para seu desenvolvimento, como livros dos filósofos que discutem acerca do tema proposto, artigos, entre outros. Marconi e Lakatos (2003), conceituam pesquisa bibliográfica como:

A pesquisa bibliográfica, ou de fontes secundárias, abrange toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, teses, material cartográfico etc., até meios de comunicação orais: rádio, gravações em fita magnética e audiovisuais: filmes e televisão. Sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto, inclusive conferências seguidas de debates que tenham sido transcritos por alguma forma, quer publicadas, quer gravadas. (MARCONI; LAKATOS, 2003, p. 183)

Feita a conceituação, foram utilizados os seguintes materiais bibliográficos, sendo a lista separada de acordo com os autores alvo deste artigo e outras obras utilizadas para complementá-los: Schopenhauer (os livros *Mundo como vontade e representação*, *Parerga e paralipomena* e *Aforismos para a sabedoria de vida* e a tese *Liberdade e negação da vontade*); Kierkegaard (o livro *Desespero humano*); Nietzsche (*Genealogia da Moral, Assim falou Zaratustra* e; Heidegger (*Ser e tempo*). Além destas obras foram estudados alguns textos de autores comentadores. Todos os materiais utilizados tiveram como objetivo compreender os conceitos de angústia e/ou desespero de cada filósofo. Além disso, quanto à interlocução com a Psicanálise, foi usado o livro *Angústia*, de Sonia Leite, para uma breve absorção de conhecimentos sobre a angústia a partir de um ponto de vista *freudiano* e o começo do aflorar desse sentimento nos seres humanos. Para colocar essas

perspectivas teóricas com a pandemia, utilizamos o texto de Boaventura de Sousa Santos, *A cruel pedagogia do vírus*.

Por fim, após o desenvolvimento do projeto de pesquisa, iniciou-se o processo de escrita do presente artigo. O texto anterior foi relido e reorganizado em novos tópicos, além do acréscimo de novas produções textuais de forma a aumentar e aprofundar a discussão proposta. As considerações finais/reflexivas foram constantemente revisadas, tendo em vista a necessidade de conclusão de ideias e pensamentos que não foram finalizados completamente no projeto de pesquisa.

3 Desenvolvimento teórico

O existencialismo é uma corrente de pensamento iniciada no século XIX e pensada a partir da ideia do antropocentrismo, que evidenciava a figura humana como centro dos estudos e discussões, ressaltando o individualismo. Søren Kierkegaard foi pioneiro de dimensões mais niilistas da subjetividade na filosofia no século XIX.

Kierkegaard, Schopenhauer e Nietzsche foram os primeiros pensadores nas discussões sobre o humano em suas perspectivas de finitude, solidão, angústia, individualidade e desespero. Somente no século XX, quase 100 anos após Kierkegaard, o existencialismo ganhou força no meio acadêmico, sobretudo nas discussões de Jean-Paul Sartre e Martin Heidegger.

3.1 Ser de vontades

A filosofia de Schopenhauer (1985) se baseia em dois princípios: vontade e representação. Para ele, a vontade é irreduzível em si mesma, ou seja, é o primeiro passo para todas as ações e representações, e “serve à exposição da vida como fenômeno autoproduzido” (NASCIMENTO, 2011). Viver está relacionado ao querer, pois a vida é a própria manifestação da vontade, essa força/energia que é sempre não-racional, incontável e indefinível.

A angústia na obra de Schopenhauer (1985) não ocupa um lugar de destaque, pelo menos de modo direto e explícito. Mas a partir de reflexões sobre suas ideias, esse conceito aparece nas suas formas mais originárias, não sendo mediado por representações, que seriam como “visões” individuais de cada ser sobre o que o cerca. O ser humano é movido por vontades. Com o fato dessas serem impossíveis de se controlar, surge a gana de querer a todo custo realizá-las. Caso uma vontade seja impossível de ser realizada, se cria um sentimento de vazio (a angústia) (SCHOPENHAUER, 1985).

Na atualidade, principalmente no momento de pandemia em que vivemos, percebemos nosso ser lotado e perturbado por vontades, muitas vezes pelo tédio gerado pela quarentena ou por ter uma liberdade limitada por esta. Neste contexto é que a filosofia de Schopenhauer (1985) se apresenta como uma lente interpretativa: pelo fato do homem ser movido por vontades - que são a manifestação mais pura de humanidade, já que presumem até a racionalidade e fazem

com que o ser se comporte em uma espécie de instintos, que seriam essas próprias vontades - o conseqüente sentimento de vazio se faz presente, por não ser atingido o objetivo de satisfazer um desses instintos ou vontades, ou seja, a angústia. Temos vontade de ver outras pessoas, sair para caminhar, fazer atividades que antes eram comuns e não podemos, o que torna a vontade impossível e, então, nos angustia.

Por outro lado, o autor apresenta algumas soluções para sair desses momentos de angústia, onde nos encontramos desesperados e em sofrimento. Schopenhauer (1985) mostra duas alternativas para escapar do desespero: a primeira, é através do contato com a arte, seja pela pintura, música, escultura ou qualquer outro cenário artístico. Ele afirma que se envolver com a arte nos dá um refúgio passageiro a todo o sofrimento causado por nossas vontades; a segunda, uma evolução da mentalidade e espiritualidade através do Nirvana. Essa evolução se trata de uma crença budista e hinduísta, que compreende uma elevação espiritual onde o sofrimento é extinguido pela supressão das vontades e pensamento individual.

3.2 *Des-esperar*

Søren Aabye Kierkegaard, em sua obra *O Desespero Humano* (1979), descreve as três formas possíveis do desespero: “O desespero inconsciente de ter um eu (o que é o verdadeiro desespero); o desespero que não quer, e o desespero que quer ser ele próprio” (KIERKEGAARD, 1979, p. 318). Com a finalidade de compreender cada uma dessas formas, o filósofo inicia explicando o que é o ser humano: é espírito; e o espírito é o Eu. O último, por sua vez, é uma relação que não se estabelece com outro senão consigo, excluindo o que é exterior a si. É o ato de orientar-se para sua própria interioridade. Essa tarefa, no entanto, é complexa e difícil para o ser humano, sobretudo porque ele é uma síntese (de infinito e finito, temporal e eterno, liberdade e necessidade); e, é uma relação de termos que deveriam estar em harmonia, porém não o estão, o que causa um perecimento de sua existência, um domínio da doença mortal – o desespero. (KIERKEGAARD, 1979).

Após desenvolver as considerações em respeito à noção do homem e seu espírito, o Eu, Kierkegaard (1979) explica as características individuais dos três tipos de desespero. O primeiro (inconsciente de ter um Eu) ocorre quando o homem desconhece da sua própria condição humana – a relação inseparável entre corpo e alma. As pessoas que vivenciam o primeiro tipo de desespero, de acordo com o filósofo, não exercitam plenamente sua existência e escolhem viver de uma maneira mais confortável e cômoda.

Numa relação de dois termos, a própria relação entra como um terceiro, como unidade negativa, e cada um daqueles termos se relaciona com a relação, tendo cada uma existência separada no seu relacionar-se com a relação; assim acontece com respeito à alma, sendo a ligação da alma e do corpo uma simples relação. Se, pelo contrário, a relação se conhece a si própria, esta última relação que se estabelece é um terceiro termo positivo, e temos então o eu. (KIERKEGAARD, 1979, p. 318)

E as outras duas formas se resumem a um estágio em que o homem compreende toda sua condição, porém se distinguem a partir da forma que cada um reage a esta *des-coberta*. O desesperado que não quer ser ele próprio é aquele que, em vez de enfrentar o desespero que o atinge, opta por buscar outras formas exteriores ao ser com o intuito de se entreter, “desembaraçando-se” de si próprio. Por fim, e o que quer ser ele próprio é aquilo que Kierkegaard designa como “forma especial de se *des-esperar*”¹, visto que neste ponto o desespero é de certa forma “resolvido”: é o momento em que o homem se dá conta que não consegue suprimir por conta própria o seu desespero – se trata, pois, da própria condição humana – e seu mero esforço para tal seria em vão. (KIERKEGAARD, 1979)

Boaventura de Sousa Santos, no ensaio *A Cruel Pedagogia do Vírus* (2020), faz um debate acerca dos conhecimentos que se podem adquirir sobre a vida e existência humana a partir da pandemia do coronavírus no ano de 2020. Em diversas passagens do texto (as quais serão descritas a seguir) é possível fazer um paralelo com os tipos de desespero exemplificados por Kierkegaard, de forma que possamos relacionar os conceitos do filósofo com o exercício da existência na atualidade.

Segundo Santos (2020), *elasticidade social*² é um fenômeno consequente da pandemia. Sabe-se que as mudanças dos modos de vida de cada época histórica normalmente são feitas de maneira gradual, no entanto, não é isso que se observa atualmente; é o efeito, pois, de uma grande quebra da normalidade. Pessoas que antes estavam acostumadas ao ritmo incessante de trabalho, consumo, lazer e convivência, viram suas vidas mudar completamente. Será que, de acordo com Kierkegaard, estas pessoas estariam exercitando sua existência de maneira plena, além de estarem conscientes de ter um Eu? O que aparenta, nesses casos de um regime restrito de grandes horas de trabalho e poucas horas para si próprio, é que as pessoas esbanjam muito tempo para o que é alheio ao seu ser; assim não sobra tempo para ocupar consigo e sentir plenamente a relação entre corpo e alma. A pandemia, por sua vez, inverteu esse cenário: o ser humano teve que parar com sua rotina e passou obrigatoriamente a conviver mais tempo consigo, e consequentemente sentir integralmente aquilo que é inerente à sua existência - o desespero.

Outra questão em pauta é o que Santos (2020) denomina *fragilidade do ser humano*³. Ocorre na situação de pandemia porque há uma falsa sensação de segurança - as pessoas utilizam de vários recursos a que tem acesso para minimizar esse sentimento desconfortante de insegurança diante do vírus: “[...] os cuidados médicos, as apólices de seguro, os serviços de empresas de segurança, a terapia psicológica, as academias de ginástica.” (SANTOS, 2020, p. 6). No entanto, o questionamento é se esses recursos realmente poderiam sanar o desespero que o ser humano encontra em si. Esse estágio na pandemia, segundo Kierkegaard, seria o momento em que o homem se dá conta de sua condição, mas busca recursos alheios a si e que aparentam serem mais cômodos, porém não resolvem o problema. Nessa situação, então, como

1 Grifo nosso

2 Grifo do autor

3 Grifo do autor

aceitar plenamente sua condição de desespero? Como se “desesperar de uma forma especial”? Santos (2020) exemplifica muito bem que a pandemia atual é uma consequência direta das ações equivocadas dos seres humanos repetidas indefinidamente, assim colocando em risco o seu planeta. É preciso, portanto, não criar ilusão e culpar aquilo que não é passível de culpa; deve-se olhar para nossa interioridade, repensar nossos hábitos, transformarmo-nos em um melhor Eu.

Por fim, o que é o desesperar de Kierkegaard, ou melhor, *des-esperar*? É o não saber o que esperar. E é justamente o que se sente atualmente: uma dificuldade de imaginar como serão as consequências no futuro, um pós-pandemia. Santos (2020), comenta que o isolamento social mostrou que as pessoas são capazes de mudar seus hábitos quando se é necessário para um bem-comum, e isso facilmente poderia permitir mudanças a longo prazo: como viver, como consumir, como produzir. Seria o certo a se fazer, pois do contrário poderíamos enfrentar outras pandemias que viriam a seguir. No entanto, o que se percebe é uma imensurável vontade de se voltar à normalidade. A pergunta do autor é: como pensar em alternativas do nosso modo de vida se tudo o que se quer é voltar para a normalidade (apesar desta causar nossa realidade atual)?

3.3 *Má-consciência*

O filósofo alemão Friedrich Wilhelm Nietzsche baseia sua filosofia nos conceitos Apolíneos e Dionisíacos. Esses deuses oriundos da mitologia grega representam, respectivamente, a ordem e racionalidade e a loucura e os prazeres. Para Nietzsche (2002), a psique humana pode ser explicada através do domínio desses deuses e cabe a cada indivíduo balancear ambos os comportamentos e inclinações; A má consciência é o resultado da má divisão entre os diferentes comportamentos. Nos dias atuais, para o filósofo, baseamo-nos demais na razão e enclausuramos nossos instintos e desejos, ou seja, demasiados comportamentos Apolíneos e escassas decisões Dionisíacas, origens da maior parte da má consciência dos dias atuais.

Na obra *Genealogia da Moral*, Nietzsche fala sobre as origens errôneas dos modernos valores morais:

Esse animal que querem ‘amansar’, que se fere nas barras da própria jaula, este ser carente, consumido pela nostalgia do ermo, que a si mesmo teve de converter em aventura, câmara de tortura, insegura e perigosa mata – esse tolo, esse prisioneiro presa da ânsia e do desespero tornou-se o inventor da ‘má consciência’. (NIETZSCHE, 2002, p. 34).

Em suas próprias obras, Nietzsche fez poucas citações diretas à angústia e ao desespero em si, mas escritores que usaram o filósofo como personagem de suas obras aprofundaram o tema diretamente. Na obra *Quando Nietzsche Chorou*, de Irvin D. Yalom, o autor mostra Nietzsche como um ser em profunda angústia: “O desespero é o preço pago pela autoconsciência. Olhe profundamente para dentro da vida e vai sempre encontrar o desespero” (YALOM, 2005, p. 150)

As reflexões filosóficas nietzscheanas sobre a privação de dimensões do nosso ser podem ser lidas em relação à situação que a população mundial foi apresentada no ano de 2020,

com a pandemia viral e, com isso, o isolamento social. Por conta da quarentena e medidas de distanciamento, vivenciamos algo que não teríamos como estar preparados: a limitação de nossas escolhas. Como Nietzsche (2002) argumenta, a privação de uma parte de nosso ser é destruturadora e se torna ainda pior quando ocorre por uma necessidade maior, não por escolha própria do indivíduo. Nietzsche, há quase dois séculos atrás, já podia nos dizer que a privação de uma ou mais partes que compõem nosso todo é angustiante e desesperador, caminho direto a uma crise de consciência.

3.4 Angústia como possibilidade de interpretação

Heidegger (2008) baseia sua filosofia nos conceitos de *Dasein* - ser-aí ou ser-no-mundo - e afirma que o traço constitutivo da existência é o próprio conceito de angústia, como uma disposição compreensiva que serve para a reflexão e apreensão da do existir. A angústia coloca o ser humano numa perspectiva de si para consigo mesmo.

Somente na angústia nos encontramos com nós mesmos, e então somos capazes de perceber a totalidade da existência como ser-no-mundo. Para o filósofo alemão, a angústia assume um papel existencial primordialmente humano, assemelhando-se a Kierkegaard. Somente o ser humano se angustia e, portanto, somente ele existe e tem a capacidade de compreender os seres, ao contrário dos animais e das coisas, que apenas são, mas não existem por não ter esta capacidade.

O que diferencia Heidegger e Kierkegaard é que, para este, a angústia nos mostra nosso ser finito e a insignificância da nossa existência diante da grandeza e infinitude de Deus. Enquanto que, para Heidegger, a angústia é apenas o fenômeno existencial que representa a finitude humana, abandonando a vertente teológica. Angustiar-se é um fenômeno privilegiado, pois o ser humano tem a oportunidade estar consigo mesmo diante do aberto/possível futuro.

Na pandemia, muitas vezes nos encontramos angustiados, presos no nada. Como uma forma de não enfrentamento, imediatamente procuramos algo para preencher este vazio, como redes sociais, cozinhar, tocar instrumentos ou quaisquer atividades que prendem nossa atenção. Essa atitude caracteriza a fuga da angústia, pelo fato de, ao invés de enfrentarmos o momento onde nos encontramos “vazios” e o aproveitarmos para fazer uma introspecção filosófica do nosso ser, decidimos evitá-lo pelo desconforto que causa. Para Heidegger (2008) essa fuga é algo que precisa ser evitado, pois somente na angústia o ser humano consegue compreender a si mesmo e o que o cerca de fato.

Estando presentes em um momento pandêmico, é completamente normal que tenhamos sentimentos de angústia e desespero, e muitas vezes nós instintivamente buscamos a fuga desses sentimentos. Heidegger (2008) argumenta que devemos ir contra essas dinâmicas óbvias de ação e encarar esses momentos, para buscar o melhor entendimento possível sobre si e sobre o mundo.

3.5 A primeira angústia

Dentro da visão psicanalítica de Sigmund Freud a existência da angústia se dá devido à natureza desejante do ser humano, que, enquanto migra de um objeto de desejo para outro, tende a se deparar com a falha constante destes. A primeira dessas falhas costuma ocorrer nos primeiros anos de vida de uma pessoa, geralmente entre seus três ou quatro anos de idade com a deficiência de seu objeto amoroso inicial, ao qual o psicanalista coloca como a mãe (LEITE, 2011).

Ainda segundo Leite (2011), Freud define a angústia como um sentimento de grande importância, pois é com base nele que indivíduos, ainda em sua infância, começam seu processo de humanização. Pelo desejo o ser humano constitui sua subjetividade. Por isso, em todo esse processo a angústia passa a ser algo constituinte do que somos.

Essa interpretação sobre a angústia contraria o que comumente se pensa sobre essa dimensão, de que é algo ruim ou até mesmo patológico. Na perspectiva psicanalista, ela é um importante pilar para nossa fundação e que, devido a sua existência, até situações tidas como alarmantes, como a pandemia de COVID-19 que nos encontramos atualmente em 2021, podem vir a gerar algo relativamente positivo, sobretudo quando o assunto é o desenvolvimento pessoal do indivíduo. Nossos desejos na pandemia são atravessados pelas angústias de realização e não realização.

4 Considerações reflexivas

É notável que, ao recorrer ao passado para compreender os pensamentos de filósofos existencialistas acerca de sentimentos fundamentais do ser humano, como o desespero e a angústia, estas diversas ideias possuem um diálogo produtivo apesar de serem provenientes de autores e épocas diferentes. Essas duas emoções são objetos diretamente ligados à condição humana que, no decorrer da história, deparou-se com períodos de crise semelhantes ao vivenciado atualmente com a pandemia de COVID-19. Assim, presume-se que o mais antigo dos filósofos anteriormente abordados, inclusive, manterá uma elevada relevância para o contexto atual.

Tendo em vista o fato previamente mencionado, é esperado que, apesar de ser inviável formular uma verdade absoluta acerca de uma emoção humana, considera-se que o estudo com base em variadas compreensões filosóficas de um mesmo tema proporcione um senso mais apurado quanto a uma ideia de “certeza”, ou o mais próximo que se pode chegar sobre esta pesquisa bibliográfica. Desta forma, será possível desmistificar um entendimento constantemente “obscuro”, tal como são os sentimentos fundamentais presentes nos seres humanos, sobre o que somos numa dimensão integral.

Deve-se considerar também que este artigo tem por base algumas discussões em perspectivas filosóficas, as quais possuem viés subjetivo, porém aplicadas de modo que se faça possível obter conclusões ligadas ao cotidiano da vida no entendimento da angústia e do desespero.

A obtenção de interpretações ligadas à realidade concreta no âmbito da filosofia tem um grau de dificuldade sobretudo porque cada ser humano experiencia sentimentos de uma maneira única. Assim sendo, uma pesquisa quantitativa ou qualitativa, como aplicação de questionários, não se faz necessária para a autenticidade das conclusões. No entanto, isso não impede a veracidade da discussão obtida, já que esta foi desenvolvida da maneira mais lógica e imparcial possível.

A análise teórica feita no decorrer do presente artigo e de seu desenvolvimento, considerando algumas perspectivas filosóficas existencialistas e seu diálogo com a psicologia *freudiana* sobre os sentimentos de angústia e desespero, produz a percepção que, em suma, esses conceitos não se resumem apenas a patologias ou experiências ocasionais. Ambos são sentimentos presentes na vivência humana cotidiana, parte do desenvolvimento pessoal requerido pelo simples fato de se estar vivo, e podem ser desencadeados por experiências comuns do dia a dia.

Ambos os sentimentos não representam algo de todo ruim. Angustiar-se nada mais é do que a intensidade do pensamento em algo que não há como controlar, uma *pré-ocupação*. Vivemos uma constância de incertezas, inclusive com o futuro próximo, na qual esses pensamentos se intensificam e se aplicam a todos os aspectos da vida, potencializando uma vivência atrelada aos sentimentos tratados. Tanto o sentimento de angústia e desespero ditos “normais” causados por preocupações de rotina, quanto os desencadeados por um grande momento de incerteza, podem ser encarados com uma visão positiva: ao viver com a certeza da inevitabilidade da morte e da efemeridade daquilo que temos acesso, experienciamos tudo a que somos apresentados de uma maneira diferente.

Os autores existencialistas possuem a fama de serem “pessimistas”, isto é, de sempre olhar pelo lado “negativo” da condição humana. Porém, suas propostas interpretativas buscam apresentar o ser humano na radicalidade de sua finitude, de seus limites, dores e inacabamento. Neste momento pandêmico que estamos vivendo, essa visão singular pode colaborar para enfrentar as dificuldades apresentadas de maneira mais aproximada com a realidade das perdas e das incertezas futuras. No frente-a-frente com sentimentos que nos fazem repensar o que somos e o que desejamos nos tornar - sentimentos esses relacionados à angústia e ao desespero - como não saber o que se está por vir, percebemos que, em grande parte, aquilo que consideramos importante não tem realmente grande interferência e necessidade em nossa vida. Dessa forma, ao remover todas as distrações do nosso caminho à constituição subjetiva, é possível rever os enfoques que conduzem e orientam a nossa vida: nós mesmos, em um processo de descoberta de quem realmente somos e o que almejamos de fato.

Referências

CARRASCO, Bruno. **Existencialismo e romantismo**. EXisto. Disponível em: <<https://www.ex-isto.com/2017/04/classicismo-romantismo.html>>. Acesso em: 12/01/2021.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. Petrópolis: Vozes, 2008.

KIERKEGAARD, Søren Aabye. **O desespero humano**: doença até a morte. Coleção Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

LEITE, Sonia. **Angústia**. Coleção Passo-a-Passo. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos da metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2003.

NASCIMENTO, Dax Fonseca Moraes Paes. **Liberdade e negação da vontade**: Análise do ser-livre como representação e na angústia. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/16453/2/DaxFMPN_TESE_partes%20autorizadas.pdf>. Acesso em: 02/08/2020.

NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falou Zaratustra**. Disponível em: <<http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/zara.pdf>>. Acesso em: 07/01/2021. eBooksBrasil, 2002.

NIETZSCHE, Friedrich. **Genealogia da moral**. Disponível em: <<https://pt.slideshare.net/joseforin/nietzsche-genealogia-da-moral>>. Acesso em: 07/01/2021 Sabotagem, 2008.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A cruel pedagogia do vírus**. Coimbra: Almedina, 2020.

SCHOPENHAUER, Arthur. **O mundo como vontade e representação**. Coleção Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1985.

TRINDADE, Rafael. **Nietzsche**: má consciência. Razão Inadequada. Disponível em: <<https://razaoinadequada.com/2019/03/27/nietzsche-ma-consciencia/>>. Acesso em: 03/08/2020.

WERLE, Marco Aurélio. **A angústia, o nada e a morte em Heidegger**. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31732003000100004>. Acesso em: 03/08/2020.

YALOM, Irvin D. **Quando Nietzsche chorou**. Disponível em: <<https://lelivros.love/book/download-quando-nietzsche-chorou-irvin-d-yalom-epub-mobi-pdf/>>. Acesso em: 07/01/2021. Ediouro, 2005.